

AVALIAÇÃO FAMILIAR

FUNCIONAMENTO E
INTERVENÇÃO
VOL. I

چهارم از مجموعه: فن نامه‌های آبی الی عدنان، قوام‌الایان، ایضا، فایده: گل خسیه و گل منقش بود امیرالاشرف و قتی



ANA PAULA RELVAS
SOFIA MAJOR
(COORDENAÇÃO)

IMPRENSA DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA
COIMBRA
UNIVERSITY
PRESS

این کتاب شامل مجموعه‌ای از مقالات است که به بررسی و تحلیل وضعیت فعلی و آینده خانواده‌ها در ایران می‌پردازد. در این کتاب به موضوعاتی همچون تغییرات ساختار خانوادگی، نقش‌های جنسیتی، و چالش‌های معاصر خانواده‌ها پرداخته شده است. این کتاب می‌تواند به عنوان یک منبع ارزشمند برای پژوهشگران و دانشجویان در زمینه‌های روانشناسی، جامعه‌شناسی و مطالعات خانوادگی مورد استفاده قرار گیرد.

طراحی: سحر خندان
مطبع: انتشارات دانشگاه کوئینزلاند
سال چاپ: ۱۳۹۵

INVENTÁRIO DE DIFERENCIAÇÃO DO *SELF*-REVISTO (IDS-R)

Sofia Major
Martíno Rodríguez-González
Cátia Miranda
Míriam Rousselot
Ana Paula Relvas

“The human is the first form of life that has been able to observe the feeling process with his intellect (...). The name of that is differentiation of self.”

(Kerr & Bowen, 1988, p. 385)

Resumo

A diferenciação do *self* representa um conceito chave da teoria de Bowen, com um caráter multidimensional (dimensão intrapessoal e interpessoal). O Inventário de Diferenciação do *Self* – Revisto (IDS-R) é a versão portuguesa do *Differentiation of Self Inventory – Revised* (DSI-R; Skowron & Schmitt, 2003), composto por 46 itens repartidos por quatro subescalas: Reatividade Emocional, Posição do Eu, *Cut-off* Emocional e Fusão com os Outros. No âmbito da adaptação e validação para a população portuguesa do DSI-R foram efetuados diversos estudos de evidência de precisão (e.g., consistência interna) e de validade (e.g., análise fatorial exploratória) com uma amostra de 470 sujeitos. Foi ainda realizado um estudo comparativo com a estrutura fatorial obtida na versão espanhola

do DSI-R. Os resultados alcançados (e.g., $\alpha = .86$ para o resultado total do IDS-R), apesar de não replicarem a estrutura fatorial original do DSI-R permitem considerar a versão portuguesa como uma ferramenta de avaliação útil tanto na prática clínica como em contexto de investigação.

Palavras-chave: Diferenciação do *self*, Bowen, população portuguesa, *Differentiation of Self Inventory – Revised*.

Abstract

The differentiation of *self* represents a key-concept in Bowen's theory, with a multidimensional nature (intrapersonal and interpersonal dimension). *The Inventário de Diferenciação do Self – Revisto* (IDS-R) is the Portuguese version of the Differentiation of Self Inventory – Revised (DSI-R; Skowron & Schmitt, 2003), composed by 46 items distributed by four subscales: Emotional Reactivity, I Position, Emotional Cut-off and Fusion with Others. During the adaptation and validation of the DSI-R for the Portuguese population several reliability (e.g., internal consistency) and validity studies (e.g., exploratory factor analysis) were done with a sample of 470 subjects. A comparative study with the Spanish factor structure of the DSI-R was presented. The results obtained (e.g., $\alpha = .86$ for the total score of the IDS-R), despite not replicating the original factor structure of the DSI-R allow to consider the Portuguese version as a useful assessment tool for clinical practice as well as for research.

Keywords: Differentiation of *self*, Bowen, Portuguese population, *Differentiation of Self Inventory-Revised*.

Instrumento

O que é, o que avalia e a quem se aplica?

No Quadro 1 encontra-se a ficha técnica relativa ao *Differentiation of Self Inventory – Revised* (DSI-R; Skowron & Schmitt, 2003).¹

Quadro 1.

Ficha técnica do DSI-R

O que é?	O Inventário de Diferenciação do <i>Self</i> – Revisto é a versão portuguesa do <i>Differentiation of Self Inventory – Revised</i> (DSI-R) publicado em 2003 por E. A. Skowron e T. A. Schmitt, nos Estados Unidos da América (EUA)		
	O DSI-R consiste num inventário de auto-resposta com 46 itens que avaliam a diferenciação do <i>self</i> em adultos, através das suas relações significativas e relações atuais com a família de origem. Os 46 itens encontram-se repartidos por quatro subescalas: Reatividade Emocional, Posição do “Eu”, <i>Cut-Off</i> ¹ Emocional e Fusão com os Outros (versão original)		
	Estrutura do DSI-R (versão original)		
	Subescala	Número Itens	Descrição
	Reatividade Emocional (RE)	11	Mede a tendência das pessoas para responder aos estímulos ambientais com base em respostas emocionais automáticas
	Posição do “Eu” (PE)	11	Avalia a medida em que os indivíduos têm claramente definido o sentido do <i>self</i> , tendo as suas próprias convicções, elaboradas com base na ponderação
O que avalia?	<i>Cut-Off</i> Emocional (CE)	12	Mede o limite ou distanciamento emocional e comportamental em relação ao(s) outro(s), assim como os medos de intimidade ou sufoco nas relações
	Fusão com os Outros (FO)	12	Medida do sobre-envolvimento com o(s) outro(s), nomeadamente, a dependência elevada face ao(s) outro(s) para confirmar as suas crenças, convicções e decisões e a tendência para alguma dificuldade em definir crenças e convicções como verdadeiramente suas

¹ O termo *cut-off* é um conceito central na teoria de Bowen, pelo que manteremos a expressão na sua língua original (inglês).

A quem se aplica?	O DSI-R foi inicialmente desenvolvido para ser utilizado com adultos com mais de 25 anos (idade estabelecida por representar a fase de autonomização do jovem adulto). No entanto, Knauth e Skowron (2004) realizaram um estudo que validou o DSI-R para a população adolescente com idades entre os 14 e os 19 anos ($N = 363$)
Como ter acesso?	O acesso à versão portuguesa do DSI-R pode ser efetuado através da página http://www.fpce.uc.pt/avaliacaoafamiliar que contém todos os instrumentos de avaliação apresentados neste livro. Os utilizadores deverão facultar os contactos pessoais e institucionais, bem como dados acerca do propósito da utilização do instrumento (e.g., investigação, prática clínica) e concordar com as condições de utilização e de partilha dos resultados com os autores da versão portuguesa

Fundamentação e história

Diversos autores têm apontado a teoria familiar sistémica de Murray Bowen como a mais compreensiva do funcionamento humano sob uma perspetiva sistémica (Charles, 2001; Jenkins, Buboltz, Schwartz, & Johnson, 2005; Miller, Anderson, & Keala, 2004; Nichols & Schwartz, 2006; Rodríguez-González, 2009; Skowron & Friedlander, 1998; Skowron, Van Epps, Cipriano-Essel, & Woehrle, in press). A sua teoria proporciona uma visão compreensiva dos comportamentos humanos, na medida em que o seu foco abarca desde os indivíduos até à rede alargada de relações familiares, procurando compreender a forma como o nosso funcionamento individual e o modo como nos relacionamos com as nossas famílias se interligam (Nichols & Schwartz, 2006). Neste sentido, a teoria de Bowen insere-se nos modelos intergeracionais/transgeracionais, segundo os quais as famílias e as suas dificuldades são vistas à luz das “dinâmicas psicológicas transmitidas de geração em geração” (Hanna & Brown, 1998, citados por Rodríguez-González, 2009, p. 12).

Ao longo do seu desenvolvimento, a teoria de Bowen centrou-se em duas forças vitais que, numa situação ideal, estarão em equilíbrio: a união e a individualidade. Um desequilíbrio destas forças pode traduzir-se em “fusão” ou “indiferenciação”. No entanto, se o equilíbrio entre a união e a individualidade existir, haverá uma capacidade de funcionamento autónomo, associada a uma aproximação adequada aos outros, ou seja, haverá diferenciação (Bowen, 1978; Nichols & Schwartz, 2006). Por outro

lado, a teoria dos sistemas familiares de Bowen (1978) assenta em oito conceitos centrais, todos eles interligados entre si: triangulação, diferenciação do *self*, sistema emocional da família nuclear, processo de projeção familiar, processo de transmissão multigeracional, *cut-off* emocional, posição na fratria e processo emocional de uma sociedade (Bowen, 1978; Kerr, 2003). Porém, apesar destes oito conceitos serem fundamentais, visto que se encontram inter-relacionados, a diferenciação do *self* pode ser considerada a base central da teoria de Bowen, na medida em que os outros são, em grande medida, seus subsidiários (Kerr, 2003; Kerr & Bowen, 1988; Nichols & Schwartz, 2006).

Para compreender a diferenciação do *self* à luz da teoria de Bowen, é importante distinguir os dois níveis de diferenciação do *self* apresentados por este autor: o nível básico (*self* sólido) e o nível funcional (*pseudo-self*) (Bowen, 1978). Enquanto o nível básico de diferenciação do *self* é estável, não sendo afetado por circunstâncias externas, o nível funcional do *self* sofre variações ao longo do tempo, derivadas das circunstâncias externas (Bowen, 1978; Kerr & Bowen, 1988). Mais concretamente, o *self* sólido é uma característica definitiva, não negociável no sistema relacional, sendo composto por crenças e princípios claramente definidos e consistentes entre si, mesmo perante situações stressantes. Caracteriza-se por ser maioritariamente determinado pelo nível de diferenciação do *self* dos pais, é ligeiramente modificado consoante as experiências na infância/adolescência e tende a ser estabelecido, sensivelmente, no momento em que o jovem adulto se separa da sua família de origem (Bowen, 1978). Por sua vez, o *pseudo-self* é um *self* fluido e instável, uma vez que é adquirido e negociado no seio das relações, como resposta a uma série de pressões sociais e estímulos. O facto de ser influenciado por numerosos fatores pode resultar numa vasta flutuação do nível funcional do *self*, consoante o contexto. Neste sentido, Bowen (1978) compara-o a um “*self* fingido”, criado pela pressão emocional e passível de ser modificado por essa mesma pressão.

Assim, no DSI-R a diferenciação do *self* é entendida como um conceito multidimensional, que envolve a dimensão intrapessoal (balanceamento entre o intelectual e o emocional) e a dimensão interpessoal (equilíbrio entre

intimidade e autonomia) (Licht & Chabot, 2006; Skowron & Friedlander, 1998; Skowron et al., in press). Como tal, a diferenciação do *self*, ao nível intrapsíquico ou intrapessoal consiste na capacidade de auto-regular emoções e comportamentos, de se acalmar perante um estado de ansiedade, pensar de forma clara perante emoções fortes e ser capaz de preservar um sólido sentido do *self* nas relações significativas (Rodríguez-González, 2009; Skowron & Friedlander, 1998; Skowron et al., in press). Por sua vez, a dimensão interpessoal do *self* implica a harmonia entre a intimidade e a autonomia nas relações com outros significativos (Rodríguez-González, 2009).

Passando para a operacionalização da teoria de Bowen (1978), apesar deste referir que a eficiência da terapia familiar sistémica deveria ser sustentada em observações clínicas e relatos pessoais dos clientes (Charles, 2001; Nichols & Schwartz, 2006), a necessidade de validação da sua teoria, por parte de investigadores e clínicos, levou à realização de diversos estudos empíricos (Miller et al., 2004), nomeadamente de validação do seu constructo nuclear, a diferenciação do *self* (Bowen, 1978; Kerr & Bowen, 1988; Skowron et al., in press). Neste sentido, Bowen (1978) desenvolveu a Escala de Diferenciação do *Self*, cotada de 0 a 100 (*Nada diferenciado* a *Totalmente diferenciado*), representando um mero referencial teórico pois Bowen nunca a operacionalizou enquanto instrumento de avaliação do *self* (Major, Miranda, Rodríguez-González, & Relvas, in press).

Após este ponto de partida, vários têm sido os questionários/inventários desenvolvidos com vista à avaliação da diferenciação do *self*. Assim, segundo Licht e Chabot (2006), os instrumentos disponíveis para a avaliação da diferenciação do *self* dividir-se-iam em duas categorias. A primeira categoria agruparia os instrumentos que assumem a diferenciação como uma variável do sistema, e têm como objetivo medir o nível de diferenciação na família, como são exemplos a *Personal Authority in the Family System Scale* (PAFS; Bray, Williamson & Malone, 1984) e as *Differentiation in the Family Systems Scales* (DIFS; Anderson & Sabatelli, 1992 citados por Licht & Chabot, 2006; Skowron & Friedlander, 1998). Já a segunda categoria englobaria os instrumentos que consideram a diferenciação do *self* como uma variável individual, incluindo a *Chabot Emotional Differentiation Scale* (CED; Chabot, 1993 citado por Licht & Chabot, 2006)

e o *Differentiation of Self Inventory* (DSI; Skowron & Friedlander, 1998) com a sua versão revista *Differentiation of Self Inventory – Revised* (DSI-R; Skowron & Schmitt, 2003).

Neste contexto, o DSI-R (Skowron & Schmitt, 2003) demarca-se positivamente, por ser mais utilizado face a outros instrumentos de avaliação ao nível da investigação, pelas suas propriedades psicométricas ajustadas e por ser, até ao momento, o instrumento mais fiel à abordagem original de Bowen, com um número de itens substancialmente reduzido (46 itens) (Rodríguez-González, 2009). Por outro lado, o DSI-R é, atualmente, o questionário mais referido nas publicações relacionadas com a teoria de Bowen, sendo o único reconhecido como coerente com esta teoria pelos membros do *Georgetown Family Center*, Washington, D. C. (Rodríguez-González, Relvas, Major, Miranda, & Rousselot, 2011).

Historicamente, a primeira versão do *Differentiation of Self Inventory* (DSI; Skowron & Friedlander, 1998) foi desenvolvida nos EUA com o objetivo de operacionalizar as dimensões intra e interpessoais do conceito de diferenciação do *self*, segundo os postulados da teoria de Bowen. Neste sentido, Skowron e Friedlander (1998) levaram a cabo três estudos, com uma amostra total de 609 sujeitos adultos, a fim de desenvolver e validar o DSI. No primeiro estudo ($N = 313$), os 96 itens representativos da diferenciação do *self* foram reduzidos a 78 itens com base nos primeiros estudos de análise de itens e de análise fatorial (Skowron & Friedlander, 1998). Seguidamente, Skowron e Friedlander (1998) elaboraram um segundo estudo com o objetivo de rever e analisar o conteúdo dos itens do DSI por especialistas na teoria de Bowen ($N = 169$). Com base nas fracas correlações item-escala total, permaneceram apenas 43 itens distribuídos pelas quatro subescalas: Reatividade Emocional, Posição do Eu, *Cut-Off* Emocional e Fusão com os Outros (Skowron & Friedlander, 1998). Finalmente, o terceiro estudo ($N = 127$) procurou confirmar a estrutura fatorial do DSI e testar as relações teoricamente existentes entre diferenciação do *self*, sintomas psicológicos e satisfação conjugal (Skowron & Friedlander, 1998). No que respeita à consistência interna, os valores dos coeficientes de alfa de Cronbach para o DSI e para as respetivas subescalas apresentavam valores superiores a .80, com exceção da

subescala Fusão com os Outros, cujos valores obtidos oscilavam entre .57 e .74 (Skowron, 2000; Skowron & Friedlander, 1998).

Atendendo a estes últimos resultados, em 2003, Skowron e Schmitt levaram a cabo uma revisão do DSI, com o objetivo de incrementar as suas propriedades psicométricas. Neste estudo, Skowron e Schmitt (2003) recorreram a uma amostra de 225 adultos, os quais preencheram uma versão revista do DSI, com ligeiras alterações na subescala Fusão com os Outros, bem como subescalas de outros instrumentos de avaliação destinadas a avaliar a fusão (e.g., subescala *Intergenerational Fusion/ Individuation* da PAFS de Bray et al., 1984). Skowron e Schmitt (2003) mantiveram cinco dos nove itens iniciais desta subescala, aos quais foram adicionados outros 17 novos itens, resultantes de um trabalho com peritos na teoria de Bowen. Após a recolha da amostra, dadas as fracas qualidades psicométricas de alguns itens, a subescala de Fusão com os Outros ficou reduzida a 12 itens. Chegou-se assim à versão revista do DSI (*Differentiation of Self Inventory – Revised*) composta por 46 itens repartidos por quatro subescalas, todas elas com índices de consistência interna (alfa de Cronbach) elevados: Reatividade Emocional (.89), Posição do Eu (.81), *Cut-Off* Emocional (.84), e Fusão com os Outros (.86). O valor do coeficiente do alfa de Cronbach é igualmente elevado no que diz respeito à escala total do DSI-R (.92) (Skowron & Schmitt, 2003).

Desde a publicação do DSI (Skowron & Friedlander, 1998) e sua revisão (DSI-R; Skowron & Schmitt, 2003), para além da recente versão portuguesa, vão surgindo alguns estudos de adaptação/validação do DSI/DSI-R para outras culturas. Neste sentido, Tuason e Friedlander (2000) aferiram o DSI para a população Filipina ($N = 306$) e compararam os resultados obtidos com os da versão norte-americana. Os resultados apontaram para a inexistência de diferenças significativas entre os dois resultados globais de diferenciação do *self*, o que corrobora a hipótese da universalidade do constructo. No entanto, encontram-se algumas diferenças no que diz respeito às subescalas de Reatividade Emocional (valor inferior ao obtido na versão norte americana), *Cut-Off* Emocional e Posição do “Eu” (pontuação superior relativamente à versão norte americana) (Tuason & Friedlander, 2000).

Desde 2002 têm também sido desenvolvidos estudos com o DSI para a população Israelita (Peleg 2002, citado por Peleg, 2008). Os itens da adaptação do inventário para Israel apresentaram boas qualidades psicométricas, como por exemplo, uma consistência interna para a escala total de .88 (Peleg, 2002, citado por Peleg, 2008). A autora afirma que os resultados das atuais investigações têm vindo a reforçar a validade da escala de diferenciação como um instrumento útil para medir os níveis de diferenciação de pessoas provenientes de diversos países (Peleg, 2008).

Na vizinha Espanha, Rodríguez-González (2009) conduziu uma investigação sobre a relação entre a diferenciação do *self*, satisfação conjugal e funcionamento familiar, representando o primeiro estudo de adaptação do DSI-R para a população espanhola. A investigação envolveu um total de 118 casais ($N = 236$) selecionados aleatoriamente. No que diz respeito às propriedades psicométricas, obteve-se um valor bastante adequado para o alfa de Cronbach da escala total (.86). Os estudos de análise fatorial não confirmaram a estrutura de quatro fatores proposta por Skowron e Schmitt (2003), apontando para a necessidade de prosseguir com estudos de validação e adaptação do DSI-R, que se encontram em curso com uma amostra de maiores dimensões ($N = 1.254$) (Rodríguez-González et al., 2011).

Também na adaptação para a população Chinesa ($N = 401$), os itens do DSI-R apresentaram boas propriedades psicométricas (Lam & Chan-So, 2010). No entanto, os estudos de análises fatoriais sugeriram a existência de cinco dimensões estáveis específicas para a cultura Chinesa. Com base nestes resultados, Lam e Chan-So (2010) optaram por dividir a subescala de Fusão com os Outros em duas subescalas, uma que mantém o mesmo nome da versão original e outra denominada de “Fusão com a Família”, respondendo assim às especificidades culturais relativas ao valor da família.

No que diz respeito à adaptação do DSI para a população Russa (Glebova, Bartle-Haring, & Strength, 2011), os resultados relativos à validade de constructo apontam para a utilidade do DSI noutras culturas, com foco especial para as subescalas de Reatividade Emocional e *Cut-Off* Emocional, atendendo ao facto da subescala de Posição do Eu ter apresentado um funcionamento mais problemático.

O DSI-R tem também servido de base para o desenvolvimento de instrumentos de avaliação da diferenciação do *self* no Japão e no México.

2. Estudos em Portugal

Como foi desenvolvido/adaptado e validado?

Estudos de tradução e adaptação

Entre outubro de 2010 e junho de 2011 foi efetuado o primeiro estudo de adaptação e validação para a população portuguesa do DSI-R, no âmbito de duas teses de mestrado integrado em Psicologia Clínica e da Saúde, subárea de Sistémica, Saúde e Família da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Com o objetivo de disponibilizar para a população portuguesa um inventário de auto-resposta que permitisse a avaliação da diferenciação do *self*, após um rigoroso processo de tradução dos itens, foram realizados diversos estudos de análises de itens, precisão e validade no sentido de estudar as propriedades psicométricas da versão portuguesa. O impacto de variáveis sociodemográficas e familiares foi igualmente estudado, bem como efetuada uma comparação entre a estrutura fatorial portuguesa e espanhola.

A amostra utilizada neste estudo foi recolhida através de um processo de amostragem por conveniência e compreende um total de 470 sujeitos, dos quais 53.0% são mulheres ($n = 249$) e 47.0% são homens ($n = 221$) (valores muito próximos dos valores de referência em Portugal de 51.8% e 48.2% para mulheres e homens, respetivamente, INE, 2002), com idades compreendidas entre os 18 e os 80 anos ($M = 34.83$, $DP = 13.52$). Com vista a facilitar as análises, foram criadas faixas etárias, partindo das tipologias propostas pelo INE, sendo que a faixa etária mais prevalente na amostra é a dos 18-24 anos (31.1%), seguida dos 25-34 anos (25.5%). Quanto ao estado civil, os sujeitos são maioritariamente solteiros (48.5%) ou casados/em união de facto (48.7%), sendo que apenas 13 (2.8%) são divorciados/

separados ou viúvos (assim agrupados dada a ocorrência de uma situação de rutura e à sua reduzida representatividade na amostra). A maioria dos sujeitos apresenta um elevado nível de escolaridade, uma vez que 42.3% completou o Ensino Superior e 34.7% concluiu o Ensino Secundário. Para a definição do nível socioeconómico (NSE), recorreremos à categorização proposta por Simões (2000), a qual integra os níveis baixo, médio e elevado, tendo em conta as habilitações literárias e profissão dos sujeitos. Dos 336 sujeitos para os quais foi possível obter informação acerca do NSE, verificamos que a grande maioria (68.8%) provém de um NSE médio. Quanto à região geográfica de residência, 264 sujeitos (56.2%) residem no Norte, 161 (34.3%) no Centro e 45 (9.6%) em Lisboa (Miranda, 2011).

No que diz respeito às formas de família, recorreremos à classificação apresentada por Relvas e Alarcão (2002), verificando-se que cerca de dois terços dos sujeitos (67.2%) se inserem numa família nuclear, composta por pais e filhos. De acordo com a perspetiva do ciclo vital da família proposta por Relvas (1996), a maioria dos sujeitos (62.8%, $n = 295$) encontra-se na etapa da família com filhos adultos. Em termos de parentalidade, 45.5% dos sujeitos da amostra têm filhos e 54.5% não têm. Importa acrescentar que a maioria dos sujeitos (71.9%) se encontra envolvida numa relação amorosa (e.g., casamento, união de facto ou namoro) (Miranda, 2011).

A tradução e adaptação do DSI-R passaram por várias fases que a seguir se apresentam (Major et al., in press; Miranda, 2011; Rousselot, 2011):

- a) Pedido formal de autorização junto de uma das autoras da versão original do DSI-R (E. A. Skowron) para se proceder à tradução e adaptação da versão portuguesa.
- b) Tradução independente da versão original norte-americana do DSI-R por cada uma das duas alunas do mestrado integrado em Psicologia. Posteriormente, as traduções individuais foram discutidas em conjunto com os restantes colaboradores da equipa e com o autor da versão espanhola (Martíño Rodríguez-González), para se alcançar uma versão única da tradução, denominada de Inventário de Diferenciação do *Self* – Revisto (IDS-R; Tradução portuguesa: Relvas, Major, Rodríguez-González, Miranda, & Rousselot, 2010).

- c) Estudo piloto com 30 sujeitos, com a finalidade de perceber se a tradução obtida era compreensível para os respondentes e/ou da necessidade de ajustamentos.
- d) Duas retroversões, de forma a averiguar se a tradução para português não teria alterado significativamente o sentido/significado das instruções e itens da versão original. Os dois tradutores eram bilíngues (professores de inglês) e nunca tiveram contacto prévio com o DSI-R ou IDS-R. Seguiu-se o envio da retroversão unificada a uma das autoras do DSI-R (E. A. Skowron) para apreciação da tradução.

Em comparação com a versão norte-americana, na versão portuguesa foi necessário proceder a uma reformulação do conteúdo do item 31, cuja formulação em português se torna mais compreensiva ao alterar a ordem de apresentação dos dois elementos da frase. Outra diferença relaciona-se com a idade a partir da qual é possível responder ao inventário. Segundo Bowen (1978), o nível de diferenciação do *self* tende a estabelecer-se na altura em que o jovem adulto se separa da sua família de origem, daí Skowron e Friedlander (1998) terem definido os 25 anos como a idade mínima requerida para o preenchimento da escala. Porém, após discussão deste tópico com uma das autoras (E. A. Skowron) a idade mínima definida para a versão portuguesa corresponde aos 18 anos, pelo facto de representar o momento em que os jovens partem para a universidade ou para a procura de um primeiro emprego (Major et al., in press). Um outro aspeto que permite justificar esta opção remete para as conclusões do estudo do DSI-R com adolescentes (14-19 anos) (Knauth & Skowron, 2004), que suportam a sua utilização com esta população. Acresce que ao assumir os 18 anos como a idade mínima de aplicação, deixa de haver uma faixa etária (20-24 anos) em que não se pode avaliar a diferenciação do *self*, em virtude do estudo com adolescentes se aplicar dos 14-19 anos e a versão original a partir dos 25 anos.

O DSI-R também está a ser utilizado no âmbito do Projeto Intimidades (Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa) no sentido de, através de metodologias qualitativas e quantitativas, analisar a relação entre desejo sexual, intimidade e diferenciação conjugal, considerando

esta última variável como possível mediadora entre intimidade e desejo (Ferreira, Narciso, & Novo, 2012).

Estudos descritivos

No Quadro 2 podemos encontrar as estatísticas descritivas para os 46 itens do IDS-R, nomeadamente média, desvio-padrão, moda, mínimo e máximo, assimetria e curtose. Neste mesmo quadro são ainda apresentados os primeiros estudos de consistência interna dos itens do IDS-R, com os valores das correlações item-total corrigida e o valor do coeficiente alfa de Cronbach caso o item fosse eliminado.

Quadro 2.

Estatísticas descritivas dos itens do IDS-R e consistência interna

Item	<i>M</i>	<i>DP</i>	Moda	Mín-Máx	Assimetria	Curtose	Correlação Item-Total Corrigida	Alfa com Item Eliminado
1	3.87	1.36	4	1-6	-0.21	- 0.68	.29	.86
2	4.11	1.54	5	1-6	- 0.38	-1.03	.31	.86
3	4.92	1.33	6	1-6	-1.20	0.62	.39	.85
4	3.87	1.41	5	1-6	- 0.24	- 0.90	.14	.86
5	4.50	1.39	5	1-6	- 0.85	- 0.17	.52	.85
6	3.17	1.53	2	1-6	0.23	-1.00	.24	.86
7	4.90	1.25	6	1-6	-1.31	1.36	.10	.86
8	4.63	1.29	5	1-6	- 0.77	- 0.21	.27	.86
9	2.39	1.26	2	1-6	0.86	0.16	.17	.86
10	3.84	1.57	4	1-6	- 0.30	- 0.93	.46	.85
11	4.41	1.49	5	1-6	- 0.77	- 0.47	.13	.86
12	4.84	1.39	6	1-6	-1.14	0.40	.35	.86
13	3.87	1.51	5	1-6	- 0.31	- 0.93	.48	.85
14	3.56	1.43	4	1-6	- 0.08	- 0.87	.57	.85
15	3.64	1.37	3	1-6	- 0.05	- 0.72	.11	.86
16	4.55	1.36	5	1-6	- 0.84	- 0.08	.32	.86
17	4.36	1.41	5	1-6	- 0.66	- 0.52	.49	.85
18	3.47	1.48	5	1-6	- 0.08	-1.03	.55	.85
19	3.97	1.52	5	1-6	- 0.29	-1.01	-.02	.86
20	4.41	1.53	6	1-6	- 0.73	- 0.55	.37	.86
21	3.68	1.49	4	1-6	- 0.19	- 0.96	.57	.85
22	2.59	1.35	2	1-6	0.76	- 0.20	.21	.86
23	4.70	1.19	5	1-6	- 0.90	0.23	.38	.86
24	4.42	1.44	6	1-6	- 0.71	- 0.43	.35	.86
25	4.32	1.42	5	1-6	- 0.55	- 0.64	.38	.85
26	3.30	1.50	2	1-6	0.13	- 1.00	.43	.85

27	4.13	1.44	5	1-6	- 0.44	- 0.77	.21	.86
28	4.61	1.46	6	1-6	- 0.89	- 0.25	.34	.86
29	3.05	1.55	2	1-6	0.39	- 0.95	.40	.85
30	3.35	1.42	3	1-6	0.17	- 0.89	.49	.85
31	2.26	1.16	2	1-6	0.83	0.23	-.19	.86
32	4.43	1.43	5	1-6	- 0.72	- 0.46	.14	.86
33	4.41	1.36	5	1-6	- 0.68	- 0.49	.52	.85
34	3.00	1.49	2	1-6	0.25	-1.04	.54	.85
35	4.42	1.37	5	1-6	- 0.66	- 0.41	.55	.85
36	5.19	1.19	6	1-6	-1.75	2.66	.33	.86
37	3.32	1.40	3	1-6	0.18	- 0.79	.07	.86
38	3.64	1.38	3	1-6	- 0.05	- 0.84	.40	.85
39	4.47	1.39	5	1-6	- 0.82	- 0.11	.36	.86
40	3.80	1.39	4	1-6	- 0.22	- 0.76	.33	.86
41	4.49	1.26	5	1-6	- 0.79	- 0.08	.18	.86
42	4.66	1.46	6	1-6	- 0.98	0.01	.36	.86
43	3.37	1.46	3	1-6	0.05	- 0.91	.23	.86
44	3.23	1.57	2	1-6	0.30	-1.00	.33	.86
45	3.20	1.51	2	1-6	0.21	- 1.00	.20	.86
46	1.57	0.90	1	1-6	2.01	4.70	.10	.86

Nota. Os valores assinalados a itálico correspondem a itens com um valor abaixo do desejável (.20).

De acordo com o Quadro 2 encontramos no item 36 a média mais elevada ($M = 5.19$; $DP = 1.19$). Por sua vez, o item 46 apresenta a média mais baixa ($M = 1.57$; $DP = 0.90$). Quanto à moda, os valores oscilam entre 1 e 6, sendo 5 o valor mais predominante. De referir que todos os itens pontuam segundo toda a amplitude da escala de cotação do IDS-R (1-6). Relativamente à assimetria, constatamos que a maioria dos itens apresenta um valor negativo, sendo os itens 3, 7, 12, 36 e 46 aqueles que denotam um maior afastamento do zero. Quanto à curtose, o maior afastamento encontra-se nos seguintes itens: 2, 6, 7, 18, 19, 34, 36, 44 e 46 (Miranda, 2011; Rousselot, 2011).

Estudos de precisão

Nos estudos de consistência interna foi calculado o valor do coeficiente alfa de Cronbach para a escala total e respetivas subescalas. O valor obtido para a escala total é de .86, o que se traduz num valor bom para efeitos de investigação, segundo a classificação proposta por Pestana e

Gageiro (2003) e idêntico ao valor obtido para o Fator 1 ($\alpha = .86$). Os restantes três fatores apresentam valores ligeiramente mais fracos, de .51, .68 e .79, para os Fatores 3, 4 e 2, respetivamente (cf. Quadros 3 a 6).

Com o objetivo de perceber se a eliminação de qualquer um dos itens do IDS-R viria a traduzir-se num aumento da consistência interna da escala, foram analisadas as correlações item-total corrigidas e os valores do coeficiente de alfa caso o item fosse eliminado. Porém, verificou-se que a exclusão de qualquer um dos itens do IDS-R não altera de forma considerável o alfa total da escala (cf. Quadro 2), ainda que existam 12 itens com valores de correlação item-escala total abaixo do valor mínimo desejável de .20 (Kline, 1993).

Estudos de validade interna: Análise fatorial exploratória

Com o objetivo de determinar a estrutura fatorial do IDS-R, os 46 itens foram sujeitos a uma análise exploratória de componentes. Numa primeira fase, procedeu-se à verificação dos pressupostos necessários tais como a normalidade da distribuição ($K-S = .031$; $p = .200$) e a dimensão da amostra, em que Nunnally (1978) aponta como rácio recomendável 10 sujeitos para cada item da escala, com os 470 sujeitos para os 46 itens do IDS-R a responderem a esta abordagem mais exigente quanto ao rácio variável/sujeito. Por sua vez, o resultado obtido no teste de Kaiser-Meyer-Olkin (.826) revelou uma boa adequação da amostra para uma análise em componentes principais, segundo a classificação apresentada por Pestana e Gageiro (2003), e o resultado no teste de esfericidade de Bartlett é significativo, $\chi^2(1035) = 6015.271$, $p < .001$, assegurando que as variáveis são correlacionáveis (Major et al., in press; Miranda, 2011; Rousselot, 2011).

Posteriormente, procedeu-se a uma extração de componentes identificando-se 13 fatores que explicam 57.93% da variância total. Estes 13 fatores correspondem ao critério de Kaiser, com a retenção de fatores cuja variância explicada seja superior a 1 (Pestana & Gageiro, 2003). Todavia, esse critério tende a apontar para um número elevado de fatores a reter. Como tal, complementou-se esta análise com recurso ao *scree-plot*, optando-se por

proceder à extração de quatro fatores (congruente com o que foi obtido por Skowron & Schmitt, 2003). Os quatro fatores sujeitos ao método de rotação ortogonal *Varimax* explicam 33.50% da variância total (26.2% na versão norte-americana de Skowron & Schmitt, 2003), com retenção dos itens com saturações superiores a .30 nos respectivos fatores.

Assim, o primeiro fator é composto por 19 itens que explicam 11.39% da variância total, com valores de saturações que oscilam entre .337 e .669 (cf. Quadro 3). A análise dos itens que compõem este fator (quando comparado com o DSI-R de Skowron & Schmitt, 2003) indica que a maioria pertence às subescalas Reatividade Emocional (10 itens) e Fusão com os Outros (7 itens).

Quadro 3.

Matriz rodada, comunalidades e alfa de Cronbach: Fator 1 IDS-R (Rotação Varimax)

Fator 1 ($\alpha = .86$)	Saturação	b^2
34. Sensível quanto a ser magoado...	.669	.448
14. Sentimentos tomam conta de mim...	.637	.406
26. Discussão com o(a) esposo(a)/companheiro(a)...	.589	.347
13. Esposo(a)/companheiro(a) critica...	.578	.334
18. Altos e baixos emocionais...	.574	.329
21. Sensível a críticas...	.548	.300
29. Discussões com os pais...	.513	.263
30. Aborrecido comigo, não consigo aceitar...	.498	.248
44. Mal disposto(a) depois de discutir...	.485	.235
6. Alguém que é próximo desilude...	.484	.234
5. Encorajamento por parte de outros...	.447	.200
1. Excessivamente emotivo(a)...	.431	.186
10. Não ser tão emotivo(a)...	.430	.185
35. Autoestima depende do que os outros pensam...	.426	.181
17. Necessidade de aprovação...	.424	.180
40. Sinto as coisas intensamente...	.423	.179
33. Inseguro(a) quando os outros não estão por perto...	.408	.166
43. Bastante estável sob stress...	.398	.158
46. Pessoas que são próximas fiquem doentes, magoadas...	.337	.114

Por sua vez, o segundo fator é constituído por 13 itens que explicam 9.76% da variância total, cujos valores de saturação variam entre .427 e .619 (cf. Quadro 4). Destes 13 itens, 12 pertencem à subescala *Cut-off* Emocional apresentada por Skowron e Schmitt (2003).

Quadro 4.

Matriz rodada, comunalidades e alfa de Cronbach: Fator 2 IDS-R (Rotação Varimax)

Fator 2 ($\alpha = .79$)	Saturação	h^2
42. Esposo(a)/companheiro(a) desse espaço...	.619	.383
36. Frequentemente sufocado(a)...	.549	.301
28. Relações muito intensas, impulso de fugir...	.546	.298
12. Esposo(a)/companheiro(a) não toleraria...	.540	.292
16. Desconfortável quando as pessoas se aproximam...	.535	.286
8. Distanciar quando as pessoas se aproximam...	.529	.280
24. Esposo(a)/companheiro(a) exige demasiado...	.491	.241
3. Inibido(a) junto da minha família...	.491	.241
25. Concordo apenas para não criar conflitos...	.485	.235
20. Preocupado(a) por perder a independência...	.444	.197
39. Coisas correm mal, falar sobre elas piora-as...	.437	.191
32. Apoio emocional membros da família...	.431	.186
2. Dificuldade em expressar sentimentos427	.182

No Quadro 5 encontram-se os 10 itens do Fator 3 (saturação dos itens entre .306 e .635) que explicam 6.93% da variância total, em que nove itens pertencem à subescala Posição do Eu de Skowron e Schmitt (2003).

Quadro 5.

Matriz rodada, comunalidades e alfa de Cronbach: Fator 3 IDS-R (Rotação Varimax)

Fator 3 ($\alpha = .51$)	Saturação	h^2
41. Faço o que acredito que é correto...	.635	.403
31. Preocupado(a) em fazer aquilo que acho correto...	-.605	-.366
23. Aceito-me bem...	.544	.296
7. Nunca perderei a noção daquilo que sou...	.539	.291
27. Capaz de dizer "não" aos outros...	.476	.227
37. Raramente preocupo com o que os outros irão pensar...	.465	.216
11. Não altero o comportamento apenas para agradar...	.439	.193
15. Separar os pensamentos dos sentimentos...	.413	.171
4. Bastante calmo(a), mesmo sob stress...	.382	.146
19. Aborrecer-me com coisas que não posso mudar...	.306	.094

Por fim, apenas quatro itens saturam no quarto e último fator que explica 5.43% da variância total, com valores de saturação entre .326 e .810 (cf Quadro 6), três dos quais pertencem à subescala Fusão com os Outros da versão original do DSI-R (Skowron & Schmitt, 2003).

Quadro 6.

Matriz rodada, comunalidades e alfa de Cronbach: Fator 4 IDS-R (Rotação Varimax)

Fator 4 ($\alpha = .68$)	Saturação	h^2
22. Corresponder às expectativas dos pais...	.810	.657
9. Quero corresponder às expectativas...	.781	.610
45. Ouvir as opiniões dos pais...	.652	.425
38. Tipo de impressão que crio...	.326	.106

Ao analisar estes resultados, verificamos que não foi obtida uma replicação exata da estrutura fatorial do DSI-R (Skowron & Schmitt, 2003), tanto ao nível do número de itens incluídos em cada um dos quatro fatores como ao nível do conteúdo dos itens abrangidos por cada fator (com exceção dos fatores *Cut-Off* Emocional e Posição do Eu, com maior sobreposição dos itens quando comparados com os fatores homólogos do DSI-R).

Comparação estrutura fatorial DSI-R versão portuguesa e espanhola

A composição fatorial da versão espanhola do DSI-R foi comparada com a versão portuguesa, no sentido de averiguar se as discrepâncias obtidas comparativamente à versão original (Skowron & Schmitt, 2003) se mantinham na vizinha Espanha. A amostra espanhola é composta por 1.254 sujeitos, 390 (31.1%) do sexo masculino e 864 (68.9%) do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 18 e os 76 anos.

Verificados os pressupostos para a realização de uma análise fatorial com os itens da versão espanhola (e.g., *KMO* de .901 e teste de Esfericidade de Bartlett significativo, $\chi^2(1035) = 18259.281, p < .001$), num primeiro momento foram identificados 11 fatores que explicariam 55.26% da variância (Rousselot, 2011). Da análise do *scree-plot* optou-se por proceder à extração de quatro fatores com rotação Varimax (congruente com os estudos das versões norte-americana e portuguesa), que explicam 36.42% da variância total (cf. Quadro 7). Denota-se alguma correspondência entre estes fatores e os propostos por Skowron e Schmitt (2003), em que nove dos itens que compõem o Fator 1 pertencem à subescala Reatividade Emocional, nove itens do Fator 2 referem-se à subescala Posição do

“Eu”, 10 itens do Fator 3 pertencem à subescala *Cut-Off* Emocional e os quatro itens que saturam no Fator 4 incluem-se na subescala Fusão com os Outros (Rousselot, 2011).

Quadro 7.

Matriz rodada, comunalidades e variância explicada: Análise fatorial exploratória DSI-R (Espanha) com rotação Varimax

Itens versão Espanhola	Componentes				b^2
	1	2	3	4	
Item18	.631				.398
Item 14	.622				.387
Item 34	.606				.367
Item 26	.597				.356
Item 1	.596				.355
Item 43	.546				.298
Item 29	.530				.281
Item 4	.529				.280
Item 44	.515				.265
Item 21	.495				.245
Item 30	.476				.227
Item 40	.474				.225
Item 10	.447				.200
Item 41		.647			.419
Item 35		.574			.329
Item 23		.561			.315
Item 17		.535			.286
Item 27		.499			.249
Item 33		.492			.242
Item 38		.466			.217
Item 11		.455			.207
Item 25		.451			.203
Item 5		.443			.196
Item 7		.438			.192
Item 15		.388			.151
Item 31		.378			.143
Item 19		.345			.119
Item 37		.295			.087
Item 36			.658		.433
Item 28			.598		.358
Item 24			.575		.331
Item 20			.559		.312
Item 42			.502		.252
Item 8			.496		.246
Item 12			.464		.215
Item 3			.460		.212

Item 13			.403		.162
Item 32			.376		.141
Item 39			.325		.106
Item 16			.296		.088
Item 6			.273		.075
Item 22				.836	.699
Item 9				.826	.682
Item 45				.654	.428
Item 46				.387	.150
% variância explicada	19.51	7.17	5.25	4.48	

Nota. As saturações dos itens 6, 16 e 37 encontram assinaladas a itálico em virtude de não saturarem em qualquer fator acima de .30.

Num primeiro momento importa destacar a proximidade dos valores de variância explicada para ambas as versões do DSI-R (33.50 e 36.42%, respetivamente para as versões portuguesa e espanhola). No que diz respeito ao Fator 1, a versão portuguesa abrange um número superior de itens relativamente à versão espanhola (19 *vs.* 13, respetivamente), no entanto é possível verificar uma total equivalência nos nove itens da subescala de Reatividade Emocional que saturam neste primeiro fator em ambas as versões. Acresce que também o item 43 (originalmente da subescala Posição do “Eu”) satura em ambas as versões no Fator 1. Dos sete itens da subescala Fusão com os Outros que saturam na versão portuguesa no Fator 1, também os itens 29 e 44 são encontrados na versão espanhola. Enquanto no segundo fator da versão portuguesa com 13 itens, encontramos 12 que correspondem à subescala *Cut-Off* Emocional, estes itens encontram-se na versão espanhola no terceiro fator (com 14 itens) 11 pertencendo à subescala *Cut-Off* Emocional. A subescala Posição do “Eu” corresponde ao Fator 3 da versão portuguesa e ao Fator 2 da versão espanhola (15 itens), com ambos os fatores de cada versão a apresentarem nove itens da subescala Posição do “Eu”. Por fim, o quarto fator apresenta algumas semelhanças entre as duas versões. Em ambas as estruturas fatoriais, o Fator 4 é constituído por quatro itens com níveis relativamente próximos de saturação (.326-.810 e .387-836, respetivamente para as versões portuguesa e espanhola), estando os itens 9, 22 e 45 (referentes à Fusão com os Outros) presentes em ambas as versões (Rousselot, 2011).

Impacto das variáveis sociodemográficas e familiares na diferenciação do self

Procurou-se analisar o impacto de diversas variáveis sociodemográficas referidas na literatura com impacto na diferenciação de *self* (sexo, idade, estado civil, nível de escolaridade e NSE) (Major et al., in press; Miranda, 2011). Para complementar esta análise, o impacto do envolvimento ou não uma relação amorosa na diferenciação do *self* foi, igualmente, estudado. A magnitude do efeito foi calculada através do *Eta Squared* proposto por Cohen (1988).

Bowen (1978) refere que a variável sexo não influencia o nível de diferenciação do *self*. Este postulado teórico vai de encontro aos resultados obtidos, pois o impacto desta variável não se revelou estatisticamente significativo no total do IDS-R, o mesmo sucedeu com a versão norte-americana (Skowron & Friedlander, 1998; Skowron & Schmitt, 2003). No entanto, a idade revela-se estatisticamente significativa no resultado total do IDS-R, $F(3,466) = 4.761$, $p = .003$, sendo que a faixa etária dos 50-84 anos apresenta valores significativamente mais baixos quando comparada com as faixas etárias mais jovens (magnitude do efeito reduzida, 2.9%). Em Espanha, Rodríguez-González (2009) também alcançou conclusões semelhantes ao passo que nos estudos realizados com a versão norte-americana (Skowron & Friedlander, 1998; Skowron & Schmitt, 2003) a idade não demonstrou ter um impacto significativo na diferenciação do *self*. Por sua vez, a variável estado civil não apresenta um impacto estatisticamente significativo no resultado total do IDS-R, resultado este também verificado no DSI-R (Skowron & Friedlander, 1998; Skowron & Schmitt, 2003). Skowron e Schmitt (2003) encontraram resultados estatisticamente significativos no que concerne à educação, com níveis de diferenciação superiores à medida que o nível de escolaridade aumentava, contrariamente aos resultados obtidos com a versão Filipina do DSI (Tuason & Friedlander, 2000). Tendo por base estes dois estudos, apenas um vai de encontro à afirmação de Bowen (1978) de que o nível académico não influencia o nível de diferenciação do *self*. Os nossos resultados apresentaram um paralelismo com a versão norte-americana, visto que os sujeitos da amostra com maior nível de escolaridade completo

(Ensino Secundário e Superior) apresentam níveis de diferenciação do *self* superiores aos indivíduos com menor escolaridade (Ensino Básico), $F(2,467) = 9.046, p \leq .001$ (magnitude do efeito reduzida, 3.7%). Acresce que, em 1978, Bowen referiu que o NSE não se relaciona com o nível de diferenciação do *self*, o que vai de encontro aos resultados não significativos de Skowron e Schmitt (2003) para o rendimento familiar (outro indicador considerado na categorização do NSE). Todavia, na amostra portuguesa o nível de diferenciação do *self* é tanto maior quanto mais elevado é o NSE dos sujeitos, $F(2,333) = 9.165, p \leq .001$ (magnitude do efeito reduzida, 5.2%) (Miranda, 2011).

Por fim, de acordo com vários autores (Bowen, 1978; Kerr & Bowen, 1988; Patrick, Sells, Giordano, & Tollerud, 2007), a diferenciação do *self* relaciona-se com a capacidade do indivíduo para manter uma relação de intimidade e está positivamente correlacionada com a satisfação conjugal (Peleg, 2008; Skowron, 2000). Neste sentido, os resultados obtidos com a versão portuguesa apontam níveis de diferenciação do *self* mais elevados nos indivíduos envolvidos numa relação, $t(206.216) = 3.309, p = .001$ (magnitude do efeito reduzida, 2.6%), o que é congruente com a relevância das relações amorosas na diferenciação do *self* (Miranda, 2011).

3. Aplicação

Como aplicar, cotar e interpretar?

O material necessário para a aplicação do IDS-R é apenas a versão em papel do inventário e uma caneta. A aplicação do IDS-R requer que o sujeito cote cada um dos 46 itens do IDS-R no que diz respeito aos seus pensamentos e sentimentos acerca de si próprio e das suas relações com os outros. Os itens são cotados numa escala de tipo *Likert*, de 1 (*Nada verdadeiro para mim*) a 6 (*Muito verdadeiro para mim*). O cálculo do resultado total e respetivas subescalas implica a inversão da cotação de diversos itens. Posteriormente, os itens abrangidos por cada subescala (ou totalidade) são somados, procedendo-se à divisão deste somatório pelo

respetivo número de itens considerados. Neste sentido, a pontuação total do IDS-R e respetivas subescalas oscila entre 1 e 6 (Skowron & Schmitt, 2003).

Este estudo exploratório permitiu apresentar os primeiros dados normativos que funcionam apenas como ponto de referência. Assim, apresentam-se no Quadro 8 as médias e desvios-padrão para o resultado total do IDS-R e das suas respetivas quatro subescalas para a totalidade da amostra e considerando o sexo dos respondentes.

Quadro 8.

Dados normativos IDS-R: Amostra total e por sexo

Resultado IDS-R	Amostra Total (N = 470)		Sexo Masculino (n = 221)		Sexo Feminino (n = 249)	
	M	DP	M	DP	M	DP
Fator 1	3.57	0.76	3.72	0.77	3.44	0.73
Fator 2	4.58	0.75	4.47	0.77	4.68	0.71
Fator 3	3.97	0.58	4.04	0.61	3.91	0.55
Fator 4	2.95	0.99	2.98	0.96	2.92	1.00
Total IDS-R	3.88	0.52	3.94	0.54	3.85	0.49

Passando para a interpretação dos resultados quer total, quer das quatro subescalas, podemos inferir que quanto maiores forem os resultados da escala total e das subescalas maior será a diferenciação do *self*, ou seja, menor será a Reatividade Emocional, o *Cut-Off* Emocional e a Fusão com os Outros, maior será a capacidade de assumir a Posição do Eu nas relações (Skowron & Schmitt, 2003; Skowron et al., in press).

De acordo com a teoria de Bowen (1978), indivíduos menos diferenciados são menos flexíveis, menos adaptativos e emocionalmente mais dependentes daqueles que os rodeiam, sendo, por conseguinte, mais vulneráveis ao stress e à disfunção (Knauth & Skowron, 2004). Caracterizam-se, também, por assumirem uma postura de excessiva conformidade e condescendência, ou por uma independência emocionalmente reativa para com os outros (Skowron & Friedlander, 1998). Como tal, em resposta à ansiedade nas relações significativas, estes indivíduos tendem a fundir-se ou a distanciar-se emocional e fisicamente (Rodríguez-González, 2009).

Numa posição oposta encontram-se os indivíduos mais diferenciados, com uma capacidade superior de diferenciar o pensar do sentir, que se reflete nos seus comportamentos (Knauth & Skowron, 2004). São, portanto,

mais flexíveis, mais adaptativos e mais independentes das emoções dos outros (sem deixar de as perceber ou estar em contacto com as mesmas) (Knauth & Skowron, 2004). Por outro lado, apresentam melhores estratégias de *coping* para lidar com a incerteza e a ambiguidade (Skowron et al., in press), demonstram menos fusão emocional nas suas relações próximas e gerem melhor o stress e a ansiedade, o que lhes permite experienciar menor sintomatologia (Knauth & Skowron, 2004; Licht & Chabot, 2006).

4. Vantagens, limitações e estudos futuros

Este é o primeiro estudo de adaptação e validação do Inventário de Diferenciação do *Self* – Revisto para a população portuguesa. O processo de adaptação (tradução) do IDS-R foi rigoroso e destaca-se a dimensão da amostra recolhida ($N = 470$), num estudo de natureza exploratória (Major et al., in press; Miranda, 2011).

Uma limitação deste estudo prende-se com o facto de, tanto no DSI-R como no IDS-R, haver questões que são dirigidas de forma indiscriminada a pessoas com ou sem relação amorosa, resultante das instruções de preenchimento que remetem para: *“Se acha que uma afirmação não se aplica a si (...), por favor responda à questão de acordo com o que lhe parece que seriam os seus pensamentos e sentimentos nessa situação”*. Todavia é importante salientar que imaginar e vivenciar de forma efetiva a conjugalidade são situações distintas. Outra limitação pode ser apontada ao processo de recolha da amostra, pelo facto de ser uma amostra por conveniência e, como tal, não representativa da população portuguesa (com exceção da variável sexo) (Major et al., in press; Miranda, 2011).

Ao nível dos estudos futuros, destaca-se a importância de rever os itens do IDS-R. É também fundamental replicar e prosseguir com mais estudos análise fatorial, nomeadamente, confirmatória. Embora os níveis de consistência interna sejam bons, estes poderão ser incrementados através de uma análise cuidadosa dos itens que apresentam um funcionamento menos adequado (isto é, abaixo do limiar mínimo desejável de .20 nas correlações item-total), com uma possível reformulação e/ou remoção de alguns

itens (e.g., item 19). Apontamos ainda a necessidade de realizar outros estudos de precisão e validade no sentido de fortalecer as propriedades psicométricas do IDS-R (e.g., estabilidade temporal e validade convergente e discriminante). A recolha de uma amostra estratificada e representativa da população portuguesa parece relevante para contornar algumas limitações na generalização dos resultados (Major et al., in press; Miranda, 2011).

5. Bibliografia

- Bowen, M. (1978). *Family therapy in clinical practice*. New York: Jason Aronson.
- Bray, J., Williamson, D., & Malone, P. (1984). Personal authority in the family system: Development of a questionnaire to measure personal authority in intergenerational family processes. *Journal of Marital and Family Therapy*, 10, 167-178.
- Charles, R. (2001). Is there any empirical support for Bowen's concepts of differentiation of self, triangulation, and fusion? *The American Journal of Family Therapy*, 29, 279-292.
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Ferreira, L. C., Narciso, I., & Novo, R. F. (2012). Intimacy, sexual desire and differentiation in couplehood: A theoretical and methodological review. *Journal of Sex and Marital Therapy*, 38(3), 263-280.
- Glebova, T., Bartle-Haring, S., & Strength, J. (2011, Março). *Cross-Cultural Equivalence in Measuring Differentiation of Self*. Poster apresentado no XIXth World Family Therapy Congress of the International Family Therapy Association, Noordwijkerhout, The Netherlands.
- Instituto Nacional de Estatística (2002). *Censos 2001: Resultados definitivos*. Disponível em: http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=71467&DESTAQUESmodo=2
- Jenkins, S. M., Buboltz, W. C., Schwartz, J. P., & Johnson, P. (2005). Differentiation of Self and psychosocial development. *Contemporary Family Therapy*, 27, 251-260.
- Kerr, M. E. (2003). *La historia de una familia. Un libro elemental sobre la teoría de Bowen*. Washington, DC: Centro de la Familia de Georgetown.
- Kerr, M. E., & Bowen, M. (1988). *Family evaluation: An approach based on Bowen theory*. New York: WW Norton & Co.
- Kline, P. (1993). *The handbook of psychological testing*. London: Routledge.
- Knauth, D. A., & Skowron, E. A. (2004). Psychometric evaluation of the Differentiation of Self Inventory for adolescents. *Nursing Research*, 53, 163-171.
- Lam, C. M., & Chan-So, C. (2010). *Report on validation of the Chinese version of the Differentiation of Self Inventory (C-DSI)*. Hong Kong: International Social Service Hong Kong Branch.
- Licht, C., & Chabot, D. (2006). The Chabot Emotional Differentiation Scale: A theoretically and psychometrically sound instrument for measuring Bowen's intrapsychic aspect of differentiation. *Journal of Marital and Family Therapy*, 32(2), 167-180.
- Major, S., Miranda, C., Rodríguez-González, M., & Relvas, A. P. (in press). Adaptação portuguesa do *Differentiation of Self Inventory-Revised* (DSI-R): Um estudo exploratório. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico e Avaliação Psicológica*.

- Miller, R. B., Anderson, S., & Keala, D. K. (2004). Is Bowen theory valid? A review of basic research. *Journal of Marital and Family Therapy*, 30(4), 453-466.
- Miranda, C. S. (2011). *Estudos de adaptação do Inventário de Diferenciação do Self – Revisto para a população portuguesa: Impacto das variáveis sociodemográficas no resultado total*. Dissertação de Mestrado (não publicada), Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Nichols, M. P., & Schwartz, R. C. (2006). Bowen Family Systems Therapy. In *Family therapy: concepts and methods* (7th ed., pp. 115-144). Boston: Pearson.
- Nunnally, J. C. (1978). *Psychometric theory* (2nd ed.). New York: McGraw-Hill.
- Patrick, S., Sells, J. N., Giordano, F. G., & Tollerud, T. R. (2007). Intimacy, differentiation, and personality variables as predictors of marital satisfaction. *The Family Journal*, 15, 359-367.
- Peleg, O. (2008). The relation between differentiation of self and marital satisfaction: What can be learned from married people over the course of life? *The American Journal of Family Therapy*, 36, 388-401.
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2003). *Análise de dados para ciências sociais: A complementaridade do SPSS* (3a ed.). Lisboa: Sílabo.
- Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família: Perspetiva sistémica*. Porto: Afrontamento.
- Relvas, A. P., & Alarcão, M. (2002). *Novas formas de família*. Coimbra: Quarteto.
- Rodríguez-González, M. (2009). *El desarrollo afectivo y la construcción de la relación de pareja: estudio sobre la relación entre la diferenciación del self, la satisfacción marital y el funcionamiento familiar*. Diploma de Estudios Avanzados (não publicado). Universidad Pontificia Comillas, Madrid.
- Rodríguez-González, M., Relvas, A. P., Major, S., Miranda, C., & Rousselot, M. (2011, Março). *The measurement of differentiation of self: Implications for theory development*. Poster apresentado no XIXth World Family Therapy Congress of the International Family Therapy Association, Noordwijkerhout, The Netherlands.
- Rousselot, M. (2011). *O Inventário de Diferenciação do Self – Revisto: Estudos de tradução e adaptação para a população portuguesa e comparação com a versão espanhola*. Dissertação de Mestrado (não publicada), Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Simões, M. R. (2000). *Investigações no âmbito da aferição nacional do teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven (M.P.C.R.)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Skowron, E. A. (2000). The role of differentiation of self in marital adjustment. *Journal of Counseling Psychology*, 47, 229-237.
- Skowron, E. A., & Friedlander, M. (1998). The Differentiation of Self Inventory: Development and initial validation. *Journal of Counseling Psychology*, 45(3), 235-246.
- Skowron, E. A., & Schmitt, T. A. (2003). Assessing interpersonal fusion: Reliability and validity of a new DSI fusion with others subscale. *Journal of Marital and Family Therapy*, 29(2), 209-222.
- Skowron, E. A., Van Epps, J. J., Cipriano-Essel, E. A., & Woehle, P. L. (in press). A role for Bowen Family Systems Theory in guiding cross-disciplinary, translational research and effective intervention: Current developments and future directions. In M. Rodríguez-González & M. Martínez Berlanga (Eds.), *La Teoría Familiar Sistémica de Bowen: Avances y aplicación terapéutica*. Madrid: CCS.
- Tuason, M. T., & Friedlander, M. L. (2000). Do parents' differentiation levels predict those of their adult children? and other tests of Bowen theory in a Philippine sample. *Journal of Counseling Psychology*, 47(1), 27-35. doi: 10.1037//0022-0167.47.1.27